

Índice

1. Introdução	página 2
2. O realizador	página 3
3. Ficha técnica	página 4
4. Sinopse	página 5
5. O hassidismo	página 6
6. Enquadramento	página 8
7. As personagens	página 9
8. Comentário	página 11
9. Bibliografia	página 13

1. Introdução

O filme *The Chosen* de Jeremy Kagan é baseado numa novela de Chaim Potok, com o mesmo nome, de cariz autobiográfico. Neste filme pode-se acompanhar o percurso de dois adolescentes judeus, de mundos muito diferentes, um ortodoxo e um laico, que apesar de tudo estabelecem entre si uma amizade muito forte. Existe um mútuo fascínio pelo mundo um do outro, que leva os dois jovens a empreender uma descoberta do mundo desconhecido para cada um deles.

A obra apresenta alguns aspectos interessantes do ponto de vista da Educação, como sejam o papel da escola na mudança da forma de ver o mundo ou o papel da educação enquanto recepção dos novos num mundo velho, cuja continuidade devem assegurar. Apesar disto talvez não possua conteúdo suficiente para ser realizado um trabalho apenas sobre este filme, até porque não era esse o projecto inicial.

Para uma melhor compreensão do mundo hassídico e um melhor entendimento da maneira de agir dos *hassidim*, achou-se por bem integrar uma nota histórica sobre este movimento religioso e sobre as condições da sua criação.

2. O Realizador

Jeremy Paul Kagan nasceu a 14 de Dezembro de 1945 em Mount Vernon, no estado de Nova Iorque. Efectuou os seus estudos cinematográficos em Harvard e na Universidade de Nova Iorque. Posteriormente aperfeiçoou a sua técnica no American Film Institute. Kagan atingiu a fama na década de sessenta ao montar várias apresentações “multimédia”, então muito em voga. É detentor de um extenso currículo, mais em televisão do que em cinema, que inclui quase todos os géneros: do drama ao policial, passando pela comédia e os “filmes de família”. Ao longo da sua carreira dois filmes seus foram premiados: *The Chosen* (1981; vencedor do Festival Mundial de Cinema de Montreal) e *Journey of Natty Gann* (1987; medalha de ouro do Festival de Cinema de Moscovo). Este realizador não pode ser considerado genial. No entanto, ele faz indiscutivelmente parte da grande “classe operária” da indústria cinematográfica americana.

Filmografia de Jeremy Kagan

- 1974 *Unwed Father (TV)*
 - 1974 *Judge Dee and the Monastery Murders (TV)*
 - 1975 *Katherine (TV)*
 - 1977 *Scott Joplin (TV)*
 - 1977 *Heroes*
 - 1978 *The Big Fix*
 - 1981 ***The Chosen***
 - 1983 *Faerie Tale Theatre: Sleeping Beauty (TV)*
 - 1983 *The Sting II*
 - 1985 *The Journey of Natty Gann*
 - 1986 *Courage (TV)*
 - 1987 *Conspiracy: The Trial of the Chicago Eight (TV)*
 - 1989 *Big Man on campus*
 - 1990 *Descending Angel (TV)*
 - 1992 *Doctor Quinn Medicine Woman (TV)*
 - 1993 *By the Sword*
 - 1994 *Roswell (TV)*
- Produtor e argumentista, além de

realizador

3. Ficha Técnica

The Chosen

Realização: Jeremy Kagan

Argumentistas: Edwin Gordon, Chaim Potok (livro)

Produtores: Jonathan Bernstein (executivo), Edie Landau, Ely A. Landau.

Música original: Elmer Bernstein

Cinematografia: Arthur J. Ornitz

Guarda-roupa: Ruth Morley

Montagem: David Garfield

Assistentes de realização: Yudi Bennett, Henry Brochtein

Câmeras: Joseph Pasquale, Dan Lerner, Robert Poame, Donald Sweeney

Som: Jack Jacobsen

Elenco:

Maximilian Schell

Rod Steiger

Robby Benson

Barry Miller

Hildy Brooks

Robert John Burke

Kaethe Fine

Bob Drew

Ed Herlihy

Jack Hollander

Abraham Katz

Chaim Potok

Clement Fowler

David Ellin

Prof. David Malter

Reb Saunders

Danny Saunders

Reuven Malter

Mrs. Saunders

Levi Saunders

Shaindel Saunders

Locutor de Rádio

Locutor do noticiário

Professor de psicologia

Cantor

Professor de Talmude

Médico

Optometrista

4. Sinopse

Dois adolescentes judeus na Nova Iorque da década de Quarenta conhecem-se como rivais num campo de jogos. Após ter ferido Reuven, Danny visita-o para se desculpar. A frieza que caracteriza as suas relações rapidamente se transforma num fascínio mútuo e numa forte amizade que leva cada um a descobrir e admirar as diferenças do outro. Reuven é experiente, prático e sensato, ao passo que Danny é brilhante e místico, incrivelmente erudito nalgumas matérias e incrivelmente ingénuo noutras. Para o tornar humilde, o seu pai, um rabi imigrante, seguiu a severa tradição de Danny anseia por um conhecimento mais vasto do mundo que Reuven representa. Por seu lado, este fica encantado pelo enredo familiar e pela sinagoga comunitária dos ortodoxos. Pode a amizade dos dois jovens sobreviver às agudas diferenças entre a ortodoxia de Danny e o judaísmo reformado de Reuven? O povo ortodoxo opõe-se à constituição do Estado de Israel tão fanaticamente como Reuven e o seu pai trabalham para criá-lo. Esta questão ameaça torná-los inimigos uma vez mais. Porém, quando a criação do Estado de Israel deixa de ser um objecto de discussão e surge como um facto consumado dá-se uma reaproximação dos dois jovens. A reconciliação é também facilitada pela emancipação de Danny do jugo parental, que abandona os estudos rabínicos, a casa familiar e até as vestes tradicionais do seu povo.

5. O Hassidismo

No século XVII o judaísmo leste - europeu conhece o formidável despertar religioso. O fracasso do movimento Sabbateano (que via o messias em Sabbatai Tsevi, judeu de Izmir, costa turca do mar Egeu) e a expansão da mística cabalística é o pano de fundo da eclosão de um novo movimento espiritualista: o Hassidismo.

O pai deste movimento é um rabino originário da Podólia, no sudoeste da Polónia, Israel Ba'al Shem Tov (cerca de 1700 - 1760). Milagreiro e curandeiro, místico exaltado e personalidade carismática, reúne à sua volta cabalistas, rabinos e chefes de grupos de estudo das ciências ocultas. Tendo elaborado uma doutrina sobre a melhor maneira de afastar os pensamentos impuros, atrai rabinos e sábios da elite da sociedade judaica. Por volta de 1736 revela-se como *tsadik* («justo») e instala-se em Medzibozh, Podólia, onde dirige uma comunidade de discípulos, alguns dos quais são eles próprios mestres de

À sua morte em 1760, sucede-lhe Dov Baer de Mezhritch (1704 - 1772) que difunde a doutrina do mestre e transforma a sua minúscula comunidade num verdadeiro movimento. Em alguns decénios, a Europa oriental cobre-se de centenas de núcleos hassídicos. Os discípulos de Dov Baer, o *maghid* («pregador»), tornam-se, por sua vez, chefes de comunidades. Num processo de descentralização, o movimento divide-se numa quantidade de correntes, diferentes umas das outras na doutrina, nos costumes e na organização. Mas há algo de comum em todos os seus matizes: a fé no poder sobrenatural do chefe (o *tsadik* ou ainda o *rabbi*, acepção simultaneamente afectuosa e submetida que os *hassidin* dão a esse título) e a convicção de que ele mantém ligações com o mundo superior.

A ascensão do movimento dá-se no momento preciso em que a Polónia inaugura o calvário dos seus desmembramentos (1772, 1793 e 1795) e não lhe foi, com certeza, indiferente. A Polónia independente anterior, a 1772, abarcava, além da Polónia propriamente dita, a Lituânia, a Bielorrússia e grande parte da Ucrânia. Neste imenso espaço da Europa oriental a vida dos judeus decorre normalmente no quadro da comunidade - uma etnia à parte, constituem uma corporação que professa uma religião particular e goza no seio do Estado feudal de um estatuto jurídico reconhecido que lhe garante uma ampla autonomia económica, social e cultural. O regime comunitário é oligárquico: só uma pequena parte dos habitantes, respondendo ao duplo critério da propriedade e da distinção social, toma parte activa na vida pública. A direcção da *kahal*, corpo que coopta os *parnassim* - notáveis com atribuições executivas. A religião é omnipresente e todo-poderosa: considera-se que os dirigentes da comunidade obedecem à vontade divina. As leis que regem a actividade económica e social procedem da *halakha* (o conjunto de literatura rabínica respeitante ao direito) e são executadas pelas sentenças do rabino e do seu tribunal de justiça. Tratava-se, portanto, de um mundo fechado que fazia dos judeus súbditos autónomos do rei da

É este quadro que sofre alterações com as partilhas da Polónia pela Rússia, Áustria

De um momento para o outro, os judeus vêem-se súbditos de diversos déspotas “iluminados” cujas políticas de reformas passam pela centralização da administração, pelo controlo dos indivíduos e pela diminuição drástica dos poderes dos corpos intermédios, tudo isso para promover a felicidade dos súbditos, a racionalização da economia e a

educação das massas no espírito das Luzes. Tratava-se, entre outras coisas, de “reformular” judeus, parte importante da população urbana e factor económico de primeira ordem. Em 1764, a Dieta reunida pelo último rei da polónia independente, Estanislau II Augusto Poniatowski, suprimiu as duas grandes instituições judaicas autónomas: o conselho dos Quatro Países e o conselho de Estado da Lituânia, intermediários entre as comunidades judaicas e o Estado polaco. O argumento oficial - racionalização da cobrança de impostos - testemunha a tendência geral para a centralização.

O grande número de judeus que habitam os novos territórios e a sua posição particular no sistema socio-económico torna pouco provável a sua integração rápida no Estado que os monarcas absolutos desejam constituir. Os funcionários do Estado absolutista “esclarecido” toleram mal a autonomia dos judeus. Procuram constituí-los como súbditos leais e “úteis” - utilidade que, tal como era entendida pelos fisiocratas franceses, se liga exclusivamente às actividades produtivas da agricultura e do artesanato. O método utilizado foi o do pau e da cenoura: encorajam-se aqueles que se mostram abertos à mudança e maltratam-se os outros, procurando fazê-los entrar a todo o custo no molde ocidental. Na Áustria, José II proclama em 1789 um édito de tolerância e determina a igualdade dos judeus, o que passa, entre outras coisas, pelo serviço militar obrigatório. Ao mesmo tempo, o Estado procede à substituição das elites das comunidades por judeus mais abertos à ocidentalização, frequentemente *maskilim* (aqueles que adoptaram as ideias e os valores da *Haskala*, a versão judaica da filosofia das Luzes). De facto o combate acaba por se desenrolar, em grande parte, no seio da comunidade judaica, opondo os *maskilim*, favoráveis à modernização da comunidade, aos *hassidim*, que resistem a tudo o que possa significar um abandono da ortodoxia judaica e que têm por detrás de si um forte apoio das camadas populares, em oposição aos adeptos da *Haskala*, que são suportados pelos ricos mercadores das grandes cidades.

No processo de aculturação da comunidade judaica, os monarcas absolutos empregam uma arma poderosíssima: a escola. De facto, os monarcas absolutos quiseram, também eles, construir “um mundo novo com aqueles que são novos por nascimento e por natureza” (Hannah Arendt), pelo recalçamento do velho mundo a que eles, por direito de nascimento, deveriam ter acesso. Instituíram-se, assim, várias escolas judaicas do Estado:

- 1787 - o *maskil* Herz Homberg, inspector das escolas judaicas do estado na Galícia, cria uma rede de escolas abertas à cultura europeia, principalmente alemã. O êxito é limitado por causa da rápida difusão do Hassidismo;
- 1804 - a nova constituição dos judeus da Rússia abre-lhes o acesso a um sistema russo de ensino, a todos os níveis;
- 1841/45 - o ministro russo da Instrução Pública Uvarov convida um jovem *maskil* de Riga, Max Lilienthal, a criar uma rede de escolas judaicas do estado. O projecto acaba por fracassar, devido às reticências da população judaica;
- 1845 - o governo russo abre dois seminários rabínicos, em Víliaus e em Jitomir, destinados a formar rabinos abertos à cultura russa e europeia.

Será a nova intelectualidade judaica saída destas escolas, liceus e universidades que vai dar um forte impulso quer à tradução de obras russas e ocidentais para hebraico e *yiddish*, quer à constituição de uma densa rede de jornais dirigidos aos judeus, que propagam os valores da *Haskala* e que têm como missão a educação das massas judaicas.

6. Enquadramento

O percurso dos dois jovens é enquadrado pelo contexto da criação do estado de Israel, após a segunda guerra mundial. O mundo judaico volta então a fracturar-se: de um lado, os *hassidim*, para quem, numa leitura literal dos textos bíblicos, os judeus só poderão terra prometida conduzidos pelo messias; do outro lado, estão os sionistas, racionalistas que, de certo modo, desempenham o mesmo papel que os partidários da *Haskala* no passado, num eterno combate entre a modernidade e a tradição. Este problema é aliás o único assunto capaz de ameaçar o desenvolvimento da amizade entre os dois jovens que o filme acompanha. O pai de Danny sempre viu como uma ameaça a amizade do filho com alguém que não pertencia à comunidade, chegando mesmo a excomungar Reuven e o seu pai por serem sionistas e a proibir o seu filho de manter qualquer contacto com Reuven. Fica assim claro que é da modernidade, propagada no passado pela *Haskala* e presentemente pelos sionistas laicos, que vem a maior ameaça ao

emocionais, de que o jovem padece. A falta de uma relação com o seu pai (que lhe surge como falta de amor) impede-o de se autonomizar do seu mundo. É por receio de perder todos os elos com o seu pai que não se atreve a desafiá-lo quando este ordena que se afaste de Reuven, o seu melhor amigo. Só quando esta situação é resolvida e o rabi quebra o silêncio que mantém para com Danny é que este se sente seguro e apto a prosseguir o seu próprio caminho, fora do mundo que lhe estava reservado.

7.2 Reuven Malter

Reuven é um jovem judeu laico e modernista. A relação que estabelece com Danny proporciona-lhe o contacto com um mundo muito diferente do seu. A grande família de Danny fascina-o (o seu próprio ambiente familiar é muito pobre) e surpreende-se com a vitalidade da vida da pequena comunidade ortodoxa que gira em torno da sinagoga. Apercebe-se, pelo contacto com o rabi Saunders, de como pode ser estimulante e ocupada a vida de um rabi, o que pesou na sua própria decisão de tornar-se rabi: ao aperceber-se do poder que um líder espiritual pode exercer na sua comunidade, decide tornar-se ele próprio um rabi (do judaísmo reformado), de modo a usar esse ascendente na propagação de valores progressistas. O contacto com Danny desperta em Reuven uma nova forma de ver o mundo baseada mais no sentimento que na razão e que altera a sua própria atitude para com o mundo.

Envolvido como está, tal como o seu pai, no movimento sionista, Reuven surge como uma ameaça ao mundo hassídico. Ele coloca em ch. fundamentais do judaísmo ortodoxo: só o messias pode levar o povo judeu de volta à terra prometida.

Apesar de ser encarado como uma ameaça ao mundo hassídico, o contacto com Danny é tolerado pelo rabi. Ele encontra em Reuven uma ponte para contactar o seu filho e, desse modo, contornar o silêncio que ele próprio havia imposto.

8. Comentário

“Pela educação, os pais assumem uma dupla responsabilidade - pela vida e pelo desenvolvimento da criança, mas também pela continuidade do mundo (Arendt, *A crise na educação*). Esta duas tarefas que recaem sobre os ombros dos pais de Danny não são de fácil realização, visto que tendem a entrar em choque. Por um lado, tem de se assegurar a continuidade do mundo, garantindo que este não é destruído pelos recém-chegados a esse mundo, e, por outro lado, deve permitir-se ao novo ser o seu desenvolvimento, incluindo a possibilidade de inovar, sendo que é da inovação que pode resultar a destruição desse mundo. No fundo, trata-se de, por um lado, proteger a criança do mundo, de modo que este não espalhe o desenvolvimento da criança e lhe possibilite o desenvolvimento de todas as suas potencialidades e, por outro lado, proteger o mundo do recém-chegado e dos seus impulsos inovadores. O papel de conciliar estas duas tensões cabe à educação de que é alvo o recém-chegado. Esta educação deve assegurar um livre desenvolvimento das capacidades da criança e ao mesmo tempo deve procurar integrá-la no mundo tal como ele é.

Num mundo como o hassídico, muito frágil e sob ameaça de diluição pelo mundo maior que o cerca (a Nova Iorque dos anos 40), a tarefa de assegurar a continuidade de um mundo centrado na religião leva a que ele se proteja do exterior e do recém-chegado de forma bastante agressiva. É por este motivo que a vontade do mundo é completamente manietada: os casamentos são arranjados, as amizades também, os indivíduos são estritamente vigiados e, como no caso de Danny, até vêem o seu futuro determinado pelas famílias. Deste modo espera-se que os indivíduos actuem em conformidade com a ortodoxia estabelecida e espera-se manter este mundo livre de influências externas, passíveis de levar à sua aculturação.

Ao actuar desta forma, para protecção do mundo, os pais de Danny acabam por não lhe proporcionar um desenvolvimento saudável. O clima opressivo e de fechamento a que Danny está sujeito destina-se a negar a possibilidade de ele realizar qualquer coisa de novo, pois a inovação é o grande inimigo do mundo hassídico. O enclausuramento e repressão de que é objecto têm por propósito impedir “aquilo que normalmente se designa por livre desenvolvimento das suas qualidades e características” (op. cit.) quando é precisamente essa “a qualidade única que distingue cada ser humano de todos os outros, (...) que faz com que ele não seja apenas mais um estrangeiro no mundo, mas qualquer coisa que nunca tenha existido.” (op. cit.).

Apesar de Danny ter crescido e ter sido educado no seio de uma sólida família, que deve constituir “uma protecção contra o mundo e, em particular, contra o aspecto público do mundo” (op. cit.) nem por isso gozou dessa protecção. À escala do seu pequeno mundo, Danny é uma celebridade (espera-se que venha um dia a liderar o seu povo), pelo que é constantemente alvo das atenções dos outros. Assim, acaba por não ter um espaço próprio onde possa crescer ao abrigo das atenções do seu pequeno mundo (basta lembrar que são frequentemente postos à prova os seus conhecimentos bíblicos e que dele se espera que não erre). É também por isto que resolve abandonar a comunidade e integrar-se num mundo onde possa passar despercebido.

No momento final, acaba por ser mais forte o amor que o rabi Saunders tem pelo seu filho do que o seu sentido de dever assegurar a continuidade do mundo, pelo que

permite a Danny seguir o seu próprio caminho, em vez de insistir na rígida obediência às tradições, que poderia acabar por levar a uma ruptura entre os dois.

É muito significativo que os vários momentos de afastamento do jovem ortodoxo do futuro que lhe estava destinado seja sublinhados pela sua relação com a escola: o primeiro momento corresponde à opção de fazer os seus estudos rabínicos no *Hirsch College*, uma universidade judaica modernista, em vez da tradicional e ortodoxa *Yeshiva* rabínica. Acresce que, além dos estudos rabínicos, frequenta também psicologia, quando a doutrina hassídica deixa bem claro que a palavra de Deus é tudo quanto basta na vida de um judeu. No segundo momento, dá-se uma ruptura completa com o antigo mundo, sustentada pela mudança para a Universidade de Columbia, o abandono dos estudos rabínicos, da casa dos pais e mesmo do traje hassídico. Digamos que, à semelhança do que aconteceu em séculos anteriores, o hassidismo foi derrotado pela escola.

9. Bibliografia

Hannah Arendt (1961), *A Crise na Educação*

vários autores sob a direcção de Élie Barnavi (1997), *História Universal dos Judeus*, Círculo de Leitores, Lisboa.

Starfix, n.º 34, março de 1986, pp. 50-51 e 68

[http\\www.us.moviedatabase.com](http://www.us.moviedatabase.com)

[http\\www.allmovie.com](http://www.allmovie.com)